



Lauren  
Child

Tradução:  
Isa Mara Lando

Tipo  
assim,  
Clarice  
Bear

ea  
editora ática

# Se\_xta-feira

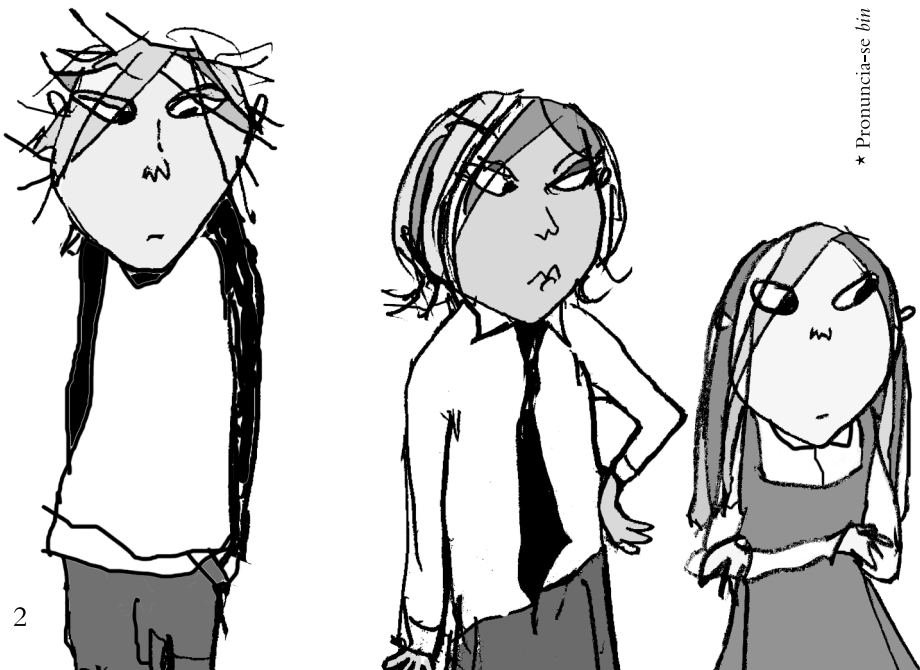
Esta sou eu, Clarice Bean\*.

Não sou filha única, mas às vezes eu bem que gostaria de ser.

Minha família tem seis pessoas – às vezes é gente demais.

Nem sempre, só às vezes.

Meu pai passa o dia inteiro no escritório, atendendo o telefone. Tipo assim: “Não posso falar agora, estou atolado de trabalho!”



\* Pronuncia-se *bin*

Minha mãe está sempre reclamando da calça jogada no chão e dos sapatos no sofá.

Ela vive dizendo umas coisas assim: “Sabia que a roupa não volta para o armário sozinha?

Quem você acha que precisa fazer tudo aqui em casa?

O Papai Noel, por acaso?

Não sou empregada de ninguém pra ficar catando suas meias fedidas do chão!

Se eu ganhasse pra catar suas roupas do chão, hoje eu seria rica!” E por aí afora etc. etc. sem parar, sem parar, sem parar.

Eu sou a terceira mais velha. Bom seria se eu fosse a mais nova.

Não sei por que minha mãe e meu pai quiseram ter mais filhos depois de mim.

Eles não precisavam de mais. É uma pena porque ele vive estragando tudo e cortando o barato de todo mundo.

O nome dele é Miguel, mas para mim é Grilo Falante – um **chato** total.

Chora o tempo todo e só arruma encrenca pra todo mundo.





Se você acha  
que é um  
alívio ir pra escola,  
é porque você não conhece  
umas pessoas da minha classe.  
Não quero citar nomes,  
mas aquela Graça Grapello,  
que menina mais exibida!



Às vezes eu fico olhando fixo com o olhar perdido no espaço, pensando em **absolutamente nada.**

Isso deixa a dona Clotilde tiririca.

Eu sei que eu dou nos nervos dela.

Como é que eu sei? É porque ela vive dizendo.

Para ser franca, a dona Clotilde não é a minha pessoa predileta no planeta Terra.

Só que, infelizmente, eu sou do planeta Terra e ela é minha professora.

Dona Clotilde vive dizendo que eu não tenho a menor concentração.

Estou tentando provar que ela está errada, tentando me lembrar de me concentrar.

Penso nisso o tempo todo. Fico tentando desesperadamente não me esquecer de me concentrar, e falando pra mim mesma: “Não deixe o pensamento fugir como você fez ontem”.

Daí eu começo a pensar que o meu pensamento fugiu ontem, e que eu estou pensando que preciso escutar a dona Clotilde e tudo que ela está me dizendo.

Daí fico pensando:

*como será que todos esses negócios que ela fala  
cabem na minha cabeça?*

Daí fico pensando se eu deveria fazer uma limpeza  
em todas as tranqueiras velhas

sabe como é,

que nem o dia que meu pai limpou o sótão,

só que todos nós descobrimos que

precisávamos  
**de tudo**

e ele teve de guardar tudo de volta outra vez.

*Mas talvez haja espaços valiosos ocupados na  
minha  
cabeça*

não com as coisas importantes e

é

por isso

que eu não consigo

m e c o n c e n t r a r

porque todo o meu espaço para concentração

já foi usado com

coisas assim:

*“Tire os cotovelos da mesa!”*

*“Não belisque o seu irmão!”*

coisas sem sentido,

sem necessidade,

coisas

que

não têm a menor importância.

"CLARICE

Quer

fazer

o favor

de

voltar

para

a Terra já,

8

nesta

BEAN!

instante?!”

É a dona Clotilde.

A  
gente  
sabe  
por causa  
daquela  
VOZ  
de ganso.





Ela fala:

“Clarice Bean,  
você não tem **absolutamente**  
nenhuma **concentração**.”

Qualquer mosca tem  
**mais** capacidade de **prestar atenção!**”

Sinto vontade de dizer:

“E a senhora não tem **absolutamente**  
nenhuma **educação**, dona Clotilde,  
e até um rinoceronte é mais  
**gentil** do que a senhora”.

Mas eu não digo nada porque a dona Clotilde pode dizer coisas estúpidas e grosseiras para mim, mas eu não posso fazer o mesmo com ela.

Essas são as regras da escola.

Daí a dona Clotilde fala: “Muito bem, classe, tenho uma notícia muito interessante: vamos fazer uma exposição para o Dia da Visita dos Pais e um concurso de projetos”. Dona Clotilde não parece nem um pingão interessada, mas acho que pra ela ficar animada com alguma coisa só mesmo se um elefante entrasse na sala de aula dançando balé.

Bem, o fato é que a gente precisa formar duplas e bolar alguma coisa pra exposição e mostrar quando chegarem os pais, coitados, se arrastando pra ver o que os seus queridinhos e queridinhas andaram aprontando. É claro que vou fazer dupla com a Betty, porque ela é ab-so-lu-ta-men-te a minha melhor amiga.

Dona Clotilde falou que o projeto tem que se basear em algum livro que a gente leu, um livro onde a gente tenha aprendido alguma coisa.



Isso é **absolutamente** pavoroso.

Chego em casa e vou direto lá pra cima, para o quartinho de passar roupa onde nunca vai ninguém. Levo uns queijinhos para comer, meu lanche favorito no momento. E a gente nunca sabe quando vai querer beliscar um lanchinho esperto.

O quartinho é um bom lugar pra gente ficar sozinha em paz.

É lá que eu gosto de ler o meu livro.

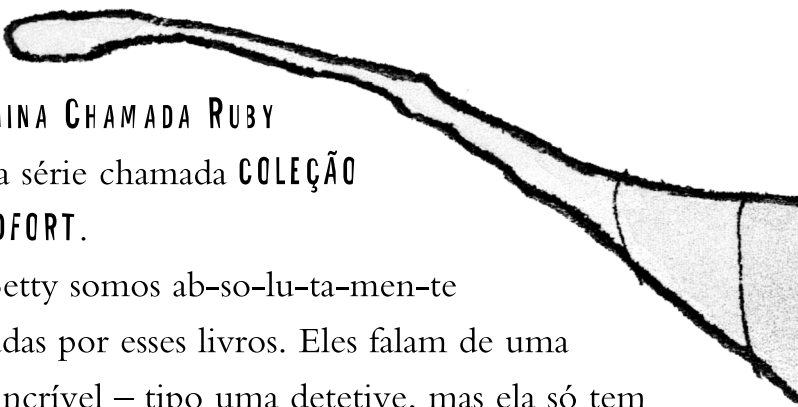
Lá é escurinho e a gente precisa de uma lanterna – ainda bem que eu ganhei uma de Natal.

Eu tive que pedir uma lanterna de presente. Botei um bilhete na lareira para o Papai Noel.

Não que eu acredite em Papai Noel, mas como meus pais querem que eu acredite, todos os anos eu escrevo pra ele.

Escrevi assim: “Querido Papai Noel, se você existe mesmo, por favor, daria pra me arranjar uma lanterna? E caso você não exista, será que alguma outra pessoa podia me arranjar uma lanterna?”

Acho importante a gente ter várias opções, porque hoje em dia a gente nunca sabe qual é a verdade verdadeira mesmo, tipo assim, pra valer. Minha avó sempre fala que o mundo é muito misterioso, com astronautas no espaço e coisas do gênero. Ela fala assim: “Quem iria imaginar que algum dia a gente poderia mandar uma fotografia pelo telefone ou assar uma perna de carneiro em cinco minutos?” Antigamente eu não lia muito. Isso só aconteceu quando minha avó me deu um livro chamado **UMA MENINA CHAMADA RUBY**. Minha mãe sempre diz que foi aí que eu passei a viver “encaramujada” nos livros.



**UMA MENINA CHAMADA RUBY**  
é de uma série chamada **COLEÇÃO**  
**RUBY REDFORT**.

Eu e a Betty somos ab-so-lu-ta-men-te apaixonadas por esses livros. Eles falam de uma menina incrível – tipo uma detetive, mas ela só tem onze anos.

Ela não tem nenhum irmão nem irmã, e vive se metendo em aventuras sensacionais.

O  
máximo  
que  
eu  
faço  
é  
ir  
na  
venda  
sozinha.



Ruby Redfort mora numa casa maluca. Os pais dela são milionários, superultrafabulosamente ricos, e ela tem um mordomo de verdade, que faz uma porção de coisas pra ela.

O nome dele é Hitch. Os mordomos são sempre chamados só pelo sobrenome. Isso é normal no mundo dos mordomos.

A Ruby Redfort vai para a escola de helicóptero e tem um monte de aparelhos e engenhocas.

Tipo assim, até a roupa de ginástica da Ruby Redfort é fora de série.

O tênis dela tem umas molas especiais, e ela consegue pular por cima dos inimigos. O maiô tem uma hélice embutida, faz ela nadar rápido como um peixe.

A Ruby recebe correspondência no nome dela – imagine só!

E as cartas são superinteressantes e supersecretas, vindas de outros detetives, do presidente, gente assim, e são cheias de pistas em códigos estranhos.

Mas ninguém nunca desconfiou de nada. Claro – por que haveriam de desconfiar?

Esse é o grande golpe de inteligência da Ruby Redfort: ela não precisa de disfarce. Quem vai imaginar que uma menina de escola é uma superagente investigadora? Ninguém, ninguém mesmo!

Como eu só recebo cartas no meu aniversário, comecei a pedir coisas pelo correio. Tem uma porção de coisas grátis que eles mandam pra gente. Basta preencher um cupom. Minha mãe fala que essa correspondência é só “lixo”, mas eu acho interessante receber uma cartinha, nem que seja uma propaganda de colete térmico. Meu pai recebe cartas em envelopes que dizem

**CONFIDENCIAL.**

Pelo jeito, acho que ele também é agente secreto. Eu já dei uma espiada numa dessas cartas. Tinha um monte de números e datas e uma frase toda em vermelho dizendo:

**ÚLTIMO AVISO.**

Tudo isso é extremamente suspeito.

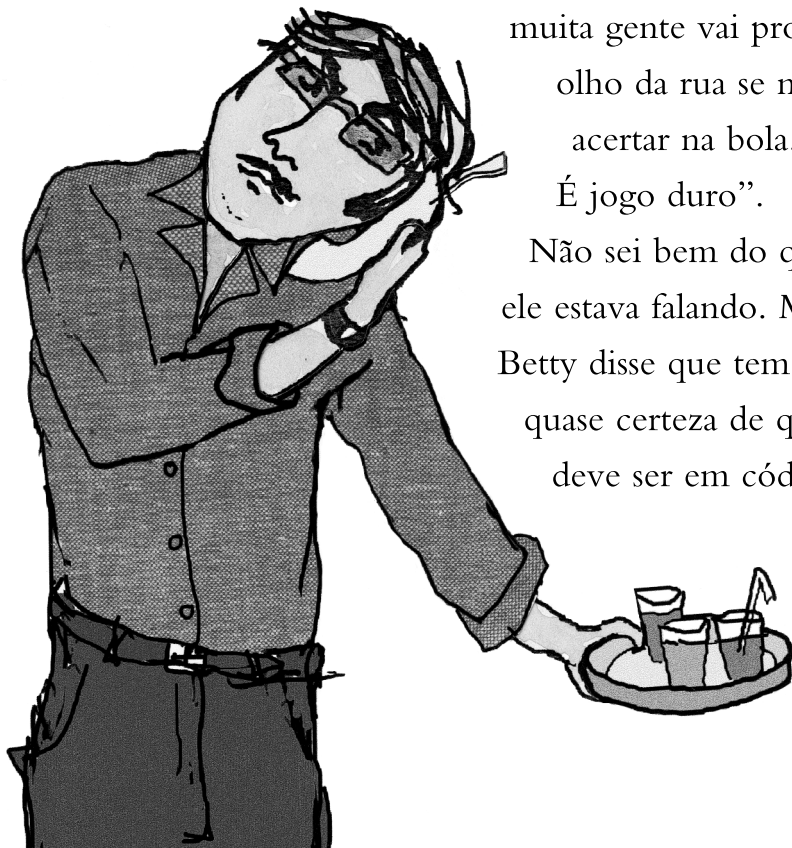
Outro dia, meu pai falou,  
“Parece que vai haver umas mudanças lá no trabalho.  
Vou ter que  
me virar em quatro  
pra conseguir  
uma fatia do bolo”.

E ainda falou assim:

“O chefão está subindo pelas paredes. Acho que

muita gente vai pro  
olho da rua se não  
acertar na bola.  
É jogo duro”.

Não sei bem do que  
ele estava falando. Mas a  
Betty disse que tem  
quase certeza de que  
deve ser em código.



Meu pai disse: “Pode ter certeza – se eu fosse agente secreto, ia fazer minhas missões em algum lugar com sol, uma bela praia e sem telefone”.

Meu pai vive com o telefone grudado na orelha, o dia inteirinho. Ele não pode ficar sem contato nem por um segundo.

Pra mim seria muito difícil ser agente secreta, porque minha família inteira vive metendo o nariz na minha vida particular, e é absolutamente impossível fazer qualquer coisa em segredo.

A Betty falou que para ser agente secreta a gente precisa ter um bom álibi para disfarçar nossas atividades, e um monte de aparelhos secretos, disfarçados de objetos comuns.

Assim, por exemplo, a Ruby Redfort tem uma torradeira que vira fax.

Se a gente aperta o botão pra b

a

i

x

o, vem uma mensagem

secreta do chefe da Ruby, lá do Quartel-General, e